José Saramago

Nobel da Literatura 1998

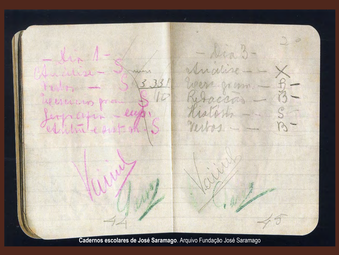
"(…) que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia".[1]

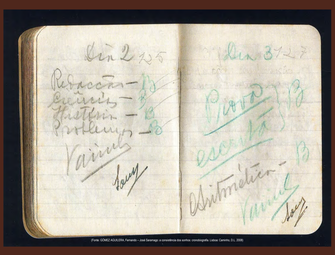
1922 *À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele lugar (…) desde os alvores da nacionalidade*[2]. Assim despontam as memórias escritas de José Saramago; assim é o nome do povoado pobre e rústico que lhe serve de berço numa tarde principiada de Inverno, assenta o relógio as duas horas do dia 16 de Novembro. Filho de José de Sousa, jornaleiro de profissão, e de Maria de Jesus, doméstica[3], quis o destino que dois elementos essenciais à sua identidade – o apelido que firma a ascendência e a data de nascimento que estabelece a contagem do tempo – sofressem curiosas tropelias de que resultariam a inclusão arbitrária da alcunha de família "Saramago" para remate do sobrenome Sousa[4] – decisão unilateral de um inebriado funcionário do Registo Civil da Golegã[5] – e o atraso de dois dias de calendário na participação do início de vida de José, segundo filho do casal[6] – pequena fraude informativa usada para contornar a ausência laboral do progenitor a quem caberia a comunicação atempada da pessoa nascida.

Pais de José Saramago, 1920. Arquivo Fundação José Saramago
(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)

Azinhaga do Ribatejo. Pintura de António Fagundes
(Fote: http://www.josesaramago.org/cronobiografia/ – Consulta: 16 de outubro de 2016)

José Saramago com 8 anos. Arquivo Fundação José Saramago
(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)


Cadernos escolares de José Saramago. Arquivo Fundação José Saramago


(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)

José Saramago. Arquivo Fundação José Saramago.
(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)

Francisco de Sousa, irmão mais velho de José Saramago. Fote: El País
(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)

José Saramago com 10 anos. Arquivo Fundação José Saramago
(Fote: GOMES ACALÉRIO, Fernando – José Saramago: a consistência das sombras. cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L., 2006)

Escola Primária no Largo do Leão, Lisboa
(Fote: http://www.josesaramago.org/ – Consulta: 16 de outubro de 2016)

Indiferente a equívocos de secretaria, a vida avança espinhosa e a privação obriga a mudança de terra. Os pais, "migrantes empurrados pela necessidade"[7], partem para Lisboa à procura de melhor sorte tem José uns incompletos dois anos. Na capital, a bonança tarda. Nos primeiros tempos, a família Sousa vê-se compelida a partilhar casa com pessoas em idêntica situação de carência. O cenário enegrece com a morte prematura do irmão mais velho Francisco, levado por uma broncopneumonia aos quatro de idade. Apesar de o pai trabalhar como polícia de segurança pública na capital, profissão "para a qual não se exigiam mais «habilitações literárias» que ler, escrever e contar"[8], o cenário de afogo mantém-se e a itinerância de residência também. Em pouco mais de dez anos, a família Sousa muda dez vezes de casa, carregando a cada transferência os seus parcos haveres. Nesse período de corrupio entre habitações, José ingressa na escola primária da Rua Martens Ferrão, onde rapidamente se destaca pela correção ortográfica, por uma certa destreza na leitura e pela aplicação votada aos estudos. Concluído o calendário letivo, segue para um outro estabelecimento no Largo do Leão. Aqui prossegue o ensino elementar, cujo trajeto meritório lhe permite fazer a terceira e a quarta classes num ano só. Nesta fase de descoberta das letras, a curiosidade de José vai sendo saciada com a análise do *Diário de Notícias*, matutino que o pai, por oferta de um colega, leva regularmente para casa.

Fontes bibliográficas:
[1] Frase de sustentação escolhida pela Academia Sueca para fundamentar a atribuição do Prémio Nobel da Literatura de 1998 a José Saramago. Disponível na Internet:< http://www.josesaramago.org/nobel/>
[2] SARAMAGO, José – **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 11
[3] **José Saramago: cronobiografia** [Em linha]. [Consult. 08 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.josesaramago.org/cronobiografia/>
[4] Em vez de José de Sousa, como o pai, o futuro escritor é registado com o nome de José de Sousa Saramago. Um engano que futuramente agradecerá por escusá-lo da invenção de um pseudónimo para assinatura dos livros.
[5] SARAMAGO, José – **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 48
[6] Apesar de ter nascido a 16 de novembro de 1922, a Conservatória do Registo Civil registou o dia 18 como data oficial. O propositado engano serviu para evitar a multa decorrente do atraso na declaração de nascimento. Sobre isto dizia Saramago que morreria dois dias mais velho, esperando somente que a diferença não fosse demasiado notória.
[7] SARAMAGO, José – **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 12
[8] **Autobiografia de José Saramago** [Em linha]. [Consult. 09 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/>
Medalha de ouro com a efigie de Alfred Nobel - inserida na totalidade dos painéis - disponível na Internet:< http://observalinguaportuguesa.org/wp-content/uploads/2012/10/Premio-Nobel-medalha.jpg>

MUNICÍPIO PONTE DE LIMA
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

José Saramago

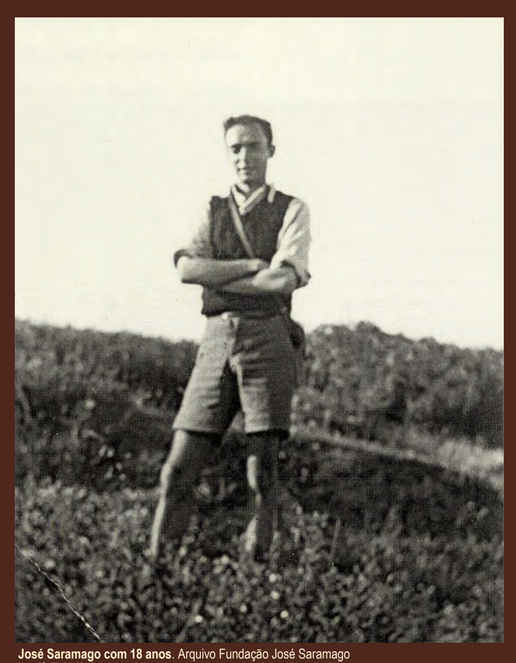
Nobel da Literatura
1998

1933 Em outubro entra no Liceu Gil Vicente – na ocasião a funcionar no antigo mosteiro de São Vicente de Fora – onde justamente granjeia fama de bom aluno, reputação que lhe vale, aos 12 anos, a atribuição do cargo de tesoureiro da Associação Académica. De permeio, nos intervalos para férias escolares, José instala-se longamente na "pobríssima morada"[9] dos adorados avós maternos - Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha – um porto de abrigo na sua Azinhaga que, apesar de debilitado, traduz para o pequeno um "mágico consolo onde se [gerariam] metamorfoses decisivas da criança e do adolescente"[10]. Uma vez mais, a escassez de recursos económicos determina a transferência de José para a Escola Industrial de Afonso Domingues no período letivo de 1935/1936. No currículo leva concluídos os primeiros dois anos do ensino secundário. Com o n.º de aluno 599 e a desbravar os mistérios do ofício de serralheiro mecânico, José aprende Português, Matemática, Física, Química, Desenhos de Máquinas, Mecânica, História e, surpreendentemente, "algum Francês e alguma Literatura"[11]. Nessa época, o acesso a autores e a livros faz-se pelo recurso ao manual da escola. Terminado o curso profissional, e no exercício da profissão numa oficina de reparação de automóveis - onde permanece dois anos -, a frequência da Biblioteca Municipal de Lisboa, em horário noturno, confere-lhe o apuramento literário. Descobre Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Raul Brandão, Almada Negreiros, Michel de Montaigne e Luís de Camões. Com o empréstimo de 300$00 de um amigo, o jovem José compra os seus primeiros livros – "um lote de volumes de divulgação dos «*Cadernos Inquérito*», publicado pela Editorial Inquérito, sobre temas variados"[12]. Em novembro de 1942, muda de atividade. Depois de uma breve passagem pelos Serviços Administrativos dos Hospitais Civis de Lisboa, vai trabalhar para a Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria de Cerâmica[13]. A fase da Escola Industrial e do despontar da vida profissional coincidem com a modesta melhoria das condições de habitabilidade da família, que transita para um andar arrendado, muito exíguo, mas independente. Como diria o próprio Saramago – "tinham subido um degrau na escala social"[14].

Rua da Verónica, onde se situava o Liceu Gil Vicente. Foto: Arquivo Municipal de Lisboa
(Fonte: http://www.flickr.com/photos/arquivomunicipal/5111...)

Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, avós de José Saramago, na Azinhaga. Arquivo FJS
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Cartão de estudante de José Saramago no ano letivo de 1939-40. Arquivo FJS
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)


José Saramago com 18 anos. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

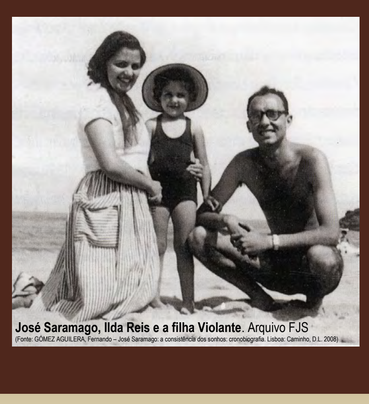
José Saramago em 1940. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Biblioteca Municipal do Palácio das Galveias
(Fonte: http://blogs.sapo.pt/arquivomunicipal/tag/palacio+das+galveias)

José Saramago, 1943. Arquivo FJS
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Casamento com Ilda Reis.
(Fonte: http://sph.com.pt/ilhapaisagem/2010/07/ilha-paisagem/)

José Saramago e a filha Violante. (Fonte: Violante Saramago Pinheiro, Arquivo FJS)
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)


José Saramago, Ilda Reis e a filha Violante. Arquivo FJS
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Avô materno morre em 1948. Arquivo FJS
(Fonte: GOMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

1944 José de Sousa Saramago sai da casa dos progenitores para desposar a pintora Ilda Reis, na ocasião datilógrafa nos Caminhos de Ferros de Portugal. Da união nasce, em 1947, Violante – única filha do autor. No mesmo ano, publica o seu primeiro romance - *A viúva* -, que por motivos de opção editorial, é rebatizado de *Terra do Pecado* – título na esfera do neorrealismo. Antes fizera algumas incursões pela poesia – composições "imaturas, melancólicas, por vezes intimistas, [ligadas] à paisagem e às suas experiências vitais da aldeia"[15], que permaneceriam inéditas por largos anos. Em 1948, morre o seu pilar de afetos - o avô Jerónimo Melrinho – figura que não esquece e que evocará no discurso de receção do Prémio Nobel da Literatura.

Fontes bibliográficas:

[9] SARAMAGO, José – **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 18
[10] *Idem, ibidem*
[11] **Autobiografia de José Saramago** [Em linha]. [Consult. 09 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/>
[12] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p. 31
[13] *Idem, ibidem*, p.33
[14] SARAMAGO, José – **As pequenas memórias**. Lisboa: Caminho, 2006. p. 113
[15] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p. 34

MUNICÍPIO PONTE DE LIMA
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

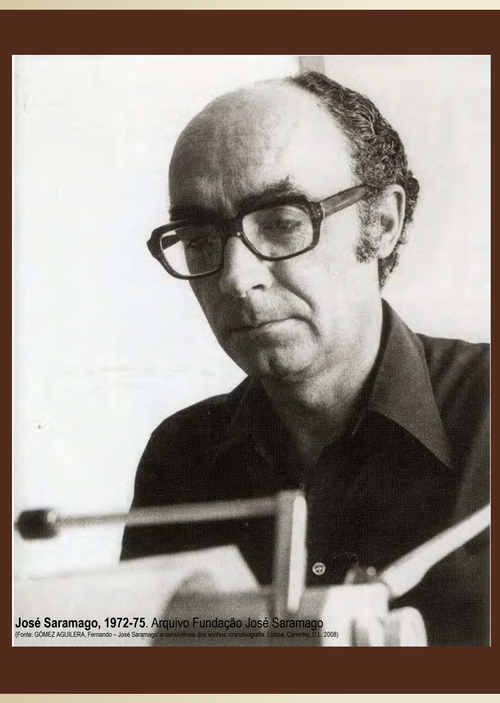
José Saramago

Nobel da Literatura
1998

1950 Perde o emprego por dissidências políticas com a entidade patronal, mas graças à intervenção de um antigo professor vai trabalhar para a "Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Previdente, [onde calcula] subsídios e pensões"[16]. A par do ofício, conclui o romance *Clarabóia*, que dedica ao saudoso avô. O título, que terá edição póstuma, é na altura rejeitado por algumas editoras e dado como desaparecido por 40 anos, altura em que retorna à procedência. Em 1955, por gosto e pela vontade de incrementar o orçamento familiar, inicia uma profícua atividade na área da tradução, de que resulta a versão para Português de dezenas de títulos. Tolstoi, Hegel, Baudelaire e Maupassant figuram entre os autores vertidos. No final da década surge um novo desafio profissional. José Saramago torna-se colaborador na área da produção da editora Estúdios Cor, tarefa que até 1961 desenvolve em paralelo com as funções exercidas na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Previdente. Nesse período, muito embora ligado às letras por força das obras que traduz, Saramago não se dedica a produção própria. Uma ausência que, assevera o autor, terá sido pouco sentida. O regresso ao mundo da escrita faz-se em 1966 com o título *Os poemas possíveis*, género que retoma, quatro anos mais tarde, com o lançamento da coletânea *Provavelmente alegria*. De permeio, estreia-se na crítica literária na revista *Seara Nova* (1967-1968), assiste ao falecimento do pai e à morte da avó Josefa Caixinha e termina o casamento com Ilda Reis. Em 1971, já a viver com a escritora Isabel da Nóbrega, publica *Deste mundo e do outro* – uma compilação de 61 crónicas estreadas na *Capital* – e abandona a editora Estúdios Cor para, em 1972, ingressar no *Diário de Lisboa*, a sua nova residência profissional. Durante dois anos trabalha como editorialista e coordenador de um suplemento cultural e lança, em 1973, *A bagagem do viajante* – nova recolha de textos apresentados na *Capital* e no mítico *Jornal do Fundão.*

José Saramago, 1967. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

1974 Militante convicto, filiado no Partido Comunista desde 1969, é com entusiasmo que José Saramago assiste ao derrube do regime fascista em Portugal. Na pós-revolução coordena "uma equipa do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAO), dependente do Ministério da Educação, e colabora como assessor do Ministério da Comunicação Social"[17]. No ano seguinte é nomeado diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, onde fica pouco mais de meio ano. O golpe contrarrevolucionário de 25 de novembro, a que se juntam as acusações de radicalismo ideológico, dita o seu afastamento do jornal. O episódio sustenta e precipita a decisão de se dedicar em exclusivo à escrita. 1975 é também o período de publicação de *O ano de 1993* – livro de traço futurista, "no limiar entre a prosa narrativa e a poesia"[18], que fala de opressão e de esperança numa "cidade do futuro em decadência ocupada por um exército"[19]. Em 1976 é a vez de *Os apontamentos* - título que congrega os editoriais e as crónicas escritas ao serviço do *Diário de Notícias* – e da conclusão do romance de cariz autobiográfico *Manual de pintura e caligrafia*. Seguem-se *Objeto quase* (1978) – coletânea de seis contos – *A noite* (1979) – peça de teatro que revisita os acontecimentos de abril e conquista o Prémio da Associação de Críticos Portugueses – e *Que farei com este livro?* – novo manuscrito dramático de caráter histórico que conclui a 31 de dezembro desse ano e estreia em outubro de 1980.



José Saramago, 1972-75. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

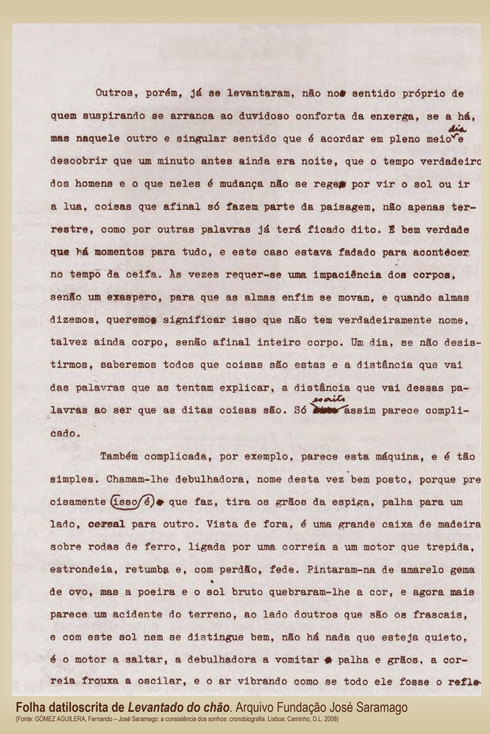
Fontes bibliográficas:
[16] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p. 43
[17] *Idem, ibidem*, p.74
[18] Informação disponível na Internet:<http://www.josesaramago.org/o-ano-de-1993-1975/>
[19] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p. 75

Município Ponte de Lima
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

José Saramago

Nobel da Literatura
1998

1980 Década de profícua atividade e de reconhecimento literário. É nesta fase que produz *Levantado do chão* – obra que marca o nascimento do peculiar estilo de escrita saramaguiano que, segundo o autor, acontece em pleno processo criativo, quando naturalmente começa a interligar "o discurso direto e o discurso indireto, saltando por cima de todas as regras sintáticas ou sobre muitas delas"[20]. O original modelo frásico assenta-lhe bem e leva-o a abandonar de vez o sistema convencional que também ele usara nos primeiros textos. É com esse novo desenho de exposição narrativa que, em 1982, lança aquela que muitos consideram a sua obra maior – *Memorial do Convento* - romance original e revelador da "insólita capacidade efabuladora"[21] de Saramago, onde se evoca "o esforço e o sacrifício de milhares de homens que trabalharam na construção de monumentos à vaidade de um rei [D. João V] e ao poder da Igreja"[22]. O livro, vencedor do Prémio do Pen Clube e do Prémio Literário do Município de Lisboa, granjeia-lhe fama internacional e passa a integrar o plano curricular de Português no ensino secundário. Dois anos depois, novo título de referência da literatura nacional – *O ano da morte de Ricardo Reis* – obra "sobre a solidão triste, sobre uma cidade triste, sobre um tempo triste"[23], que lhe vale um conjunto de importantes galardões. Na mesma década são lançados *A jangada de pedra* (1986) e *História do cerco de Lisboa* (1989), romances com considerável sucesso que firmam o nome de Saramago no panorama literário nacional e internacional. De permeio, publica o guia turístico *Viagem a Portugal*, apresenta a peça de teatro em dois atos *A segunda vida de Francisco de Assis*, empreende inúmeras viagens ao estrangeiro a convite de universidades e de centros culturais, é nomeado Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada e conhece a jornalista e tradutora espanhola Pilar del Río com quem se casa em 1988.



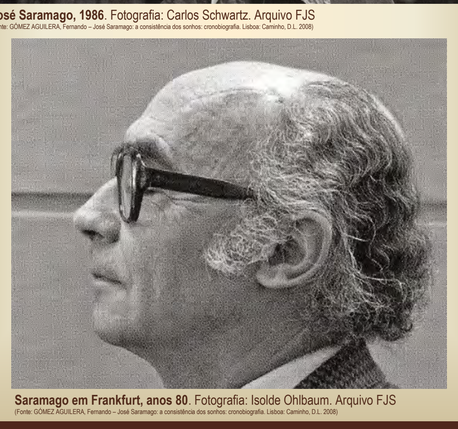
Outros, porém, já se levantaram, não no sentido próprio de quem suspirando se arranca ao duvidoso conforto da enxerga, se a há, mas naquele outro e singular sentido que é acordar em pleno meio dia e descobrir que um minuto antes ainda era noite, que o tempo verdadeiro dos homens e o que neles é mudança não se regem por vir o sol ou ir a lua, coisas que afinal só fazem parte da paisagem, não apenas terrestre, como por outras palavras já terá ficado dito. É bem verdade que há momentos para tudo, e este caso estava fadado para acontecer no tempo da ceifa. Às vezes requer-se uma impaciência dos corpos, senão um exaspero, para que as almas enfim se movam, e quando almas dizemos, queremos significar isso que não tem verdadeiramente nome, talvez ainda corpo, senão afinal inteiro corpo. Um dia, se não desistirmos, saberemos todos que coisas são estas e a distância que vai das palavras que as tentam explicar, a distância que vai dessas palavras ao ser que as ditas coisas são. Só ~~isto~~ assim parece complicado.

Também complicada, por exemplo, parece esta máquina, e é tão simples. Chamam-lhe debulhadora, nome desta vez bem posto, porque precisamente isso é o que faz, tira os grãos da espiga, palha para um lado, cereal para outro. Vista de fora, é uma grande caixa de madeira sobre rodas de ferro, ligada por uma correia a um motor que trepida, estrondeia, retumba e, com perdão, fede. Pintaram-na de amarelo gema de ovo, mas a poeira e o sol bruto quebraram-lhe a cor, e agora mais parece um acidente do terreno, ao lado doutros que são os frascais, e com este sol nem se distingue bem, não há nada que esteja quieto, é o motor a saltar, a debulhadora a vomitar palha e grãos, a correia frouxa a oscilar, e o ar vibrando como se todo ele fosse o refle-

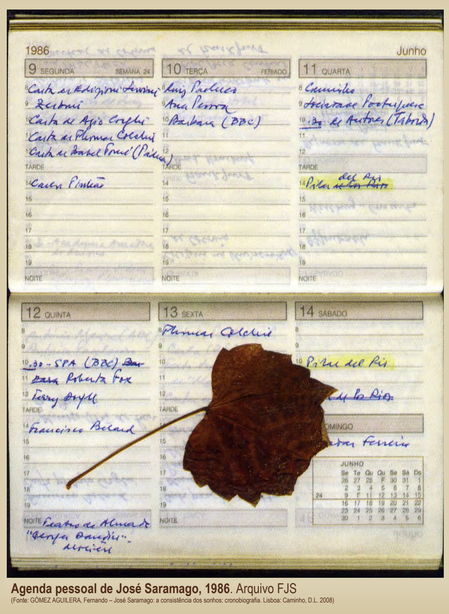
Folha datiloscrita de *Levantado do chão*. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Saramago com a mãe e o Presidente da República, Francisco da Costa Gomes, na apresentação de *Levantado do chão*, 1980. Arquivo Fundação José Saramago
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

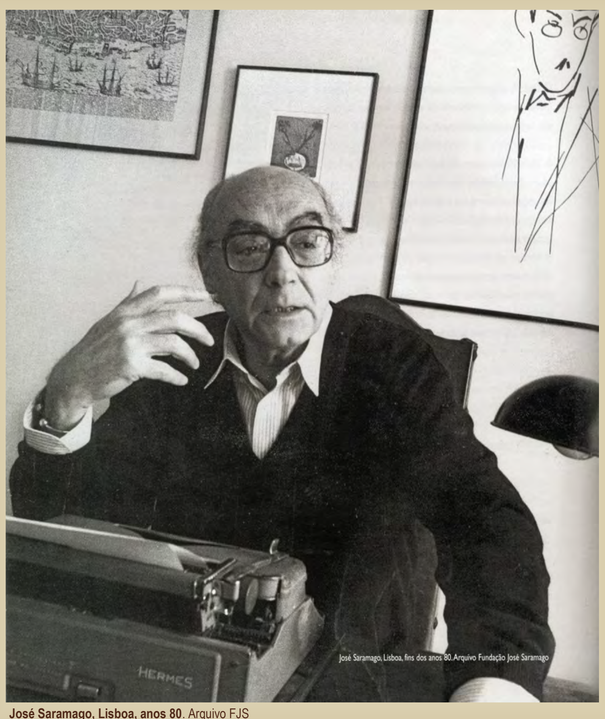
José Saramago, 1986. Fotografia: Carlos Schwartz. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)



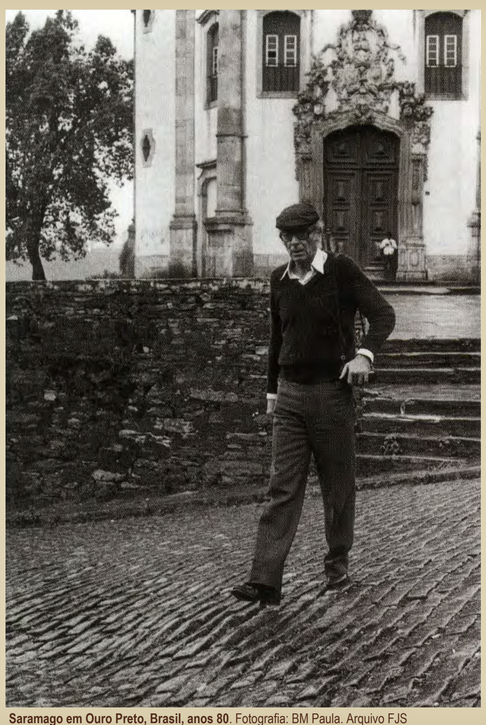
Saramago em Frankfurt, anos 80. Fotografia: Isolde Ohlbaum. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)



Agenda pessoal de José Saramago, 1986. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)



José Saramago, Lisboa, anos 80. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)



Saramago em Ouro Preto, Brasil, anos 80. Fotografia: BM Paula. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

Casamento de José Saramago com Pilar del Río
(Fonte: http://umcademoparasaramago.blogspot.pt/2010/06/filho-de-gente-pobre-e-quase-analfabeta.html)

Saramago e Pilar
(Fonte: http://desaramago.blogspot.pt/2016/02/pilar-del-rio-presidenta-da-fundacao.html)

Fontes bibliográficas:

[20] SOARES, Cauê Garcia; CALDERARI, Flávia Bergamo; FERNANDES, Paulo Sérgio – Sete-sóis e sete-luas: uma história de amor sem palavras. In ***Educação e pesquisa: a produção do conhecimento e a formação de pesquisadores: [atas] do III Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano, Lins, 2011*** [Em linha]. [Consult. 09 set. 2016]. Disponível na Internet:<http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0101.pdf>

[21] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p. 94

[22] *Idem, ibidem*

[23] *Idem, ibidem*, p. 97

MUNICÍPIO PONTE DE LIMA
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

José Saramago

Nobel da Literatura
1998

1991 Início da controvérsia gerada pelo lançamento de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, obra em que a figura do Jesus bíblico surge humanizada e em que a imagem de Deus se torna o objeto fundamental de acesas críticas. A Igreja condena o livro com veemência e acusa Saramago de narrar uma "delirante vida de Cristo"[24]. A polémica agudiza-se quando o subsecretário de Estado da Cultura, Sousa Lara, "veta a indigitação [do título] para o Prémio Literário Europeu ao suprimir o romance de uma lista de três candidatos pré-selecionados por instituições ligadas às letras"[25]. A decisão encoleriza José Saramago que lamenta o comportamento inquisitorial do Governo totalmente em dessintonia com os valores de um Estado democrático e laico. Apesar do volume de vendas alcançado com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e da obtenção do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, Saramago muda a sua residência para Lanzarote, no Arquipélago das Canárias, em 1993. No mesmo ano publica a sua quarta peça de teatro, *In nomine Dei* – "uma crítica à intolerância e ao fanatismo religioso feita a partir de acontecimentos históricos"[26] - e enceta um registo diarístico a que chama de *Cadernos de Lanzarote* que comporão cinco volumes. Entre várias honrarias e distinções, escreve o perturbador romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), posteriormente adaptado ao cinema pelo realizador brasileiro, Fernando Meirelles, que lhe vale o Prémio Camões e outros galardões nacionais e internacionais. Em 1997 termina *O conto da ilha desconhecida* e lança *Todos os nomes* - espécie de "ensaio sobre a existência (…), cujo tema central é a procura do outro, independentemente de estar vivo ou morto"[27].

Cerimónia de entrega dos Prémios Nobel 1998 da Academia Sueca. Arquivo FJS
(Fonte: GÓMEZ AGUILERA, Fernando – José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia. Lisboa: Caminho, D.L. 2008)

1998 Ano da consagração internacional, tempo da maior honraria literária. Pela primeira vez, um autor de língua portuguesa recebe o Prémio Nobel da Literatura. A cerimónia decorre em dezembro. Nos seus discursos de agradecimento evoca os seus mestres de vida – os avós maternos – reflete sobre a sua escrita e, durante o banquete no Palácio dos Concertos, centra o discurso numa crítica ao "incumprimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem"[28]. Irreverente, interventivo, assim é Saramago antes e depois da distinção que enche o país de orgulho. Inevitavelmente, a rotina do escritor e de Pilar del Río sofre alterações profundas. Cada vez mais solicitados, a vida vai-se fazendo entre viagens, comunicações, apresentações de livros e intermináveis sessões de autógrafos. José Saramago é o autor do momento e todos os países querem vê-lo e ouvi-lo. As vendas disparam e as homenagens sucedem-se. A exigente agenda de compromissos não amaina a criatividade do escritor. Em 1999, publica *Folhas políticas* – coletânea de textos produzidos de 1976 a 1998 –, em 2000 edita *A caverna* – o romance que menos tempo demora a compor – e, um ano depois, apresenta *A maior flor do mundo* – incursão do autor pelo universo literário infantil. Seguem-se *O homem duplicado* (2002) – título que "aborda a questão da identidade e do seu polo complementar, a alteridade"[29] – *Ensaio sobre a lucidez* (2004) – obra política que reflete sobre a democracia – *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005) – retorno do autor ao teatro – *As intermitências da morte* (2005) – inverídico romance cheio de humor e amargura sobre a suspensão de atividade da morte, "cansada de ser detestada pela humanidade"[30] – e *As pequenas memórias* (2006) – narrativa agradável e intimista das recordações de vida do escritor, apresentada na sua terra berço – Azinhaga – no dia do seu 84.º aniversário. Ao evento acorrem milhares de pessoas.

Fontes bibliográficas:
[24] SÁ, Paula – 'Evangelho' da "censura" e reconciliação tardia. **Diário de Notícias** [Em linha]. (2010). [Consult. 14 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.dn.pt/portugal/interior/evangelho-da-censura-e-reconciliacao-tardia-1597498.html>
[25] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia**. Lisboa: Caminho, 2008. p.114
[26] *Idem, ibidem*, p.116
[27] *Idem, ibidem*, p. 122
[28] RIBEIRO, Anabela Mota – **José Saramago: o Nobel** [Em linha]. (2008). [Consult. 14 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://anabelamotaribeiro.blogs.sapo.pt/62964.html>
[29] Gómez Aguilera, Fernando – **José Saramago: a consistência dos sonhos: cronobiografia.** Lisboa: Caminho, 2008. p.136
[30] Informação disponível na Internet:<http://www.josesaramago.org/as-intermitencias-da-morte-2006/>

MUNICÍPIO PONTE DE LIMA
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

José Saramago

Nobel da Literatura 1998

2008 Dez anos após o Nobel da Literatura, José Saramago publica *A viagem do elefante*, nova metáfora da vida humana em forma de conto, que logra concluir apesar da saúde debilitada e de um internamento de três meses por complicações respiratórias. Um ano antes constituía-se a Fundação José Saramago, cuja sede funciona desde 2012 na Casa dos Bicos, em Lisboa. 2009 é tempo de nova controvérsia com a Igreja. *Caim* – assim é o título da discórdia – discorre sobre o episódio do Antigo Testamento em que o filho primogénito de Adão e Eva mata o irmão Abel por ciúmes; revisita outros momentos bíblicos, entre eles o do sacrifício encomendado a Abraão; reflete sobre Deus, uma das personagens principais da obra; e tece considerações várias acerca da humanidade. As declarações de Saramago nas sessões de promoção do livro intensificam o mal-estar entre o autor e algumas instituições e personalidades religiosas. Às afirmações de que "a Bíblia é um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana"[31], os homens da Igreja e outros intelectuais contra-argumentam com a acusação de que Saramago, detentor de uma "ingenuidade confrangedora"[32], se limita a fazer leituras superficiais, redutoras e de intenção mediática e publicitária de um livro que desconhece. Ainda no ano de *Caim*, José Saramago lança *O caderno* e *O Caderno II* – volumes que reúnem o conjunto de textos registado diariamente num blogue sobre as mais diversas matérias e que traduzem as suas derradeiras produções em vida. A 18 de junho de 2010, o Nobel da Literatura não resiste a uma "múltipla falha orgânica [decorrente] de doença prolongada"[33] e morre tranquilamente na sua casa de Lanzarote, aos 87 anos, na companhia da família. A notícia do desaparecimento de José Saramago é recebida no país e no mundo com generalizada consternação. Em Portugal, para onde o corpo do autor é trasladado, milhares de pessoas marcam presença no último adeus. Sem símbolos religiosos, apenas com um cravo sobre o peito, todos se perfilam para a derradeira despedida ao responsável pela universalização da escrita em português. Várias figuras públicas e políticas associam-se à homenagem. Aníbal Cavaco Silva, à época Presidente da República, falta à cerimónia. Saramago não teria ficado surpreendido.

Saramago na apresentação do livro de Juan Cejudo. Arquivo Fundação César Manrique
(Foto: [illegible] Fundação César Manrique, [illegible], [illegible], [illegible])

Saramago numa sessão de autógrafos. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

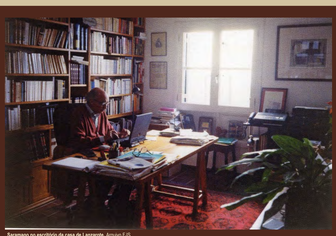
José Saramago no México. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

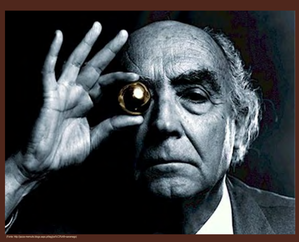
Saramago, Doutor Honoris Causa, Universidade de Alberta, Canadá. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

Cerimónia de renovação de votos de José e Pilar (2007). Fotos: Agência EFE
(Foto: [illegible] EFE, [illegible], [illegible], [illegible])

(Foto: [illegible] EFE, [illegible], [illegible], [illegible])

Saramago em Lisboa. Fotografia: Kim Manresa. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

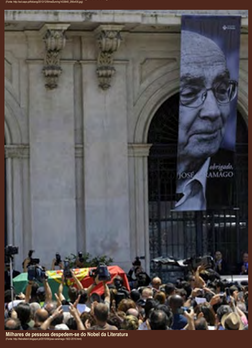

Saramago no escritório da casa de Lanzarote. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])


(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

Na sua casa de Lanzarote. Arquivo FJS
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

A Fundação José Saramago funciona por cedência na Casa dos Bicos, Lisboa
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

Pilar contempla a imagem de Saramago, o seu grande amor
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])


Milhares de pessoas despedem-se do Nobel da Literatura
(Foto: [illegible] Arquivo FJS, [illegible], [illegible], [illegible])

Um ano depois do falecimento do autor, as suas cinzas são levadas para a Casa dos Bicos. Ali, em frente à fachada do edifício, no mesmo local onde nasce uma oliveira – transplantada da sua terra berço, na Azinhaga do Ribatejo – depositam-se os restos mortais do Nobel da Literatura numa aliança inextinguível com as suas raízes. Ao lado, numa lápide, lê-se a frase que encerra o romance *Memorial do Convento* e que tudo diz acerca de Saramago: "*Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia*"[34].

Em tempo póstumo, duas obras de José Saramago são trazidas a público: *Claraboia* – livro concluído em 1953, mas somente editado em 2011 – e *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas* - romance incompleto que o autor iniciara em 2010 e que se publica quatro anos depois. Decorridos seis da sua morte, sucedem-se exposições, adaptações literárias, novos projetos e homenagens. Porque a obra de um homem não morre e o seu legado – por si só eterno – prossegue e revitaliza-se na figura de Pilar del Río - o último grande amor de Saramago – e em cada leitor que eleva as palavras escritas à condição de perpetuidade.

Fontes bibliográficas:

[31] "Bíblia é manual de maus costumes", diz José Saramago. **Público** [Em linha], (2009). [Consult. 14 set. 2016]. Disponível na Internet:<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/quotbiblia-e-manual-de-maus-costumesquot-diz--jose-saramago-243171>

[32] Católicos dizem que Saramago é "ignorante" em relação à Bíblia. **Público** [Em linha], (2009). [Consult. 14 set. 2016]. Disponível na Internet:<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/catolicos-dizem-que-saramago-e-quotignorantequot-em-relacao-a-biblia--243280>

[33] Último adeus a José Saramago. **Visão** [Em linha], (2010). [Consult. 14 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/ultimo-adeus-a-jose-saramago=f562740>

[34] Cinzas de Saramago depositadas junto à Casa dos Bicos. **Expresso** [Em linha] (2010). [Consult. 15 set. 2016]. Disponível na Internet em:<http://expresso.sapo.pt/dossiies/dossiest_actualidade/dos_jose_saramago/cinzas-de-saramago-depositadas-junto-a-casa-dos-bicos=f590297>

Bob Dylan

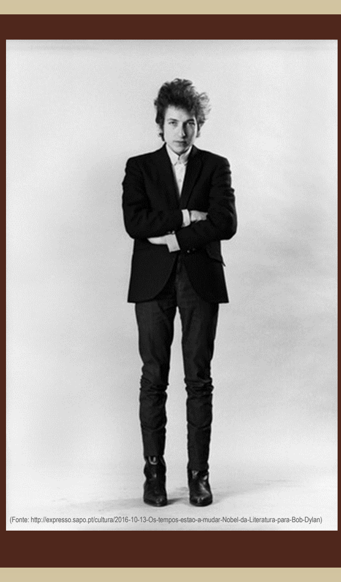
Nobel da Literatura 2016

"(…) por ter criado novas expressões poéticas no quadro da grande tradição da canção americana".[1]

Porventura uma das escolhas mais controversas do Nobel da Literatura, seguramente a decisão mais ousada da história recente da prestigiada Academia Sueca. Bob Dylan, o cantor-poeta, recebe o galardão, surpreende o mundo e alcança o feito inédito de ser o primeiro laureado "cujo ofício se centra num campo exterior ao literário"[2]. Apesar das vozes discordantes, Dylan ultrapassa os consagrados Haruki Murakami e Philip Roth e entra na galeria de notáveis ao lado dos imortais Hermann Hesse, Ernest Hemingway, Albert Camus, Gabriel García Márquez e José Saramago.

1941 Proeminente cantautor, influente poeta da música, compositor erudito, defensor de causas e legitimador de tendências, Robert Allen Zimmerman – nome de batismo de Dylan – nasce a 24 de maio, em Duluth, estado do Minnesota, "no seio de uma família de proveniência russa e judaica"[3]. Filho de Abraham Zimmerman e de Beatrice Stone, entra na escola primária de Nettleton, um ano após o desfecho da Segunda Guerra Mundial, mas um problema de saúde do pai determina a mudança de residência para Hibbing, cidade com um forte sentido de comunidade e onde vivem alguns parentes dos progenitores[4]. Com uma apetência precoce para a escrita e para a música, compõe poemas e aprende autonomamente piano e guitarra. Rendido aos ritmos e sons que escuta na rádio vai formando no período da adolescência várias bandas - de que se destacam *The Shadow Blasters* e *The Golden Chords* - marcadamente influenciadas por gigantes da música, casos de Elvis Presley, Buddy Holly, Little Richard e Chuck Berry[5]. É nesta fase que Bob adota Dylan como pseudónimo em homenagem ao poeta galês, "de romantismo arrebatador"[6], Dylan Thomas.

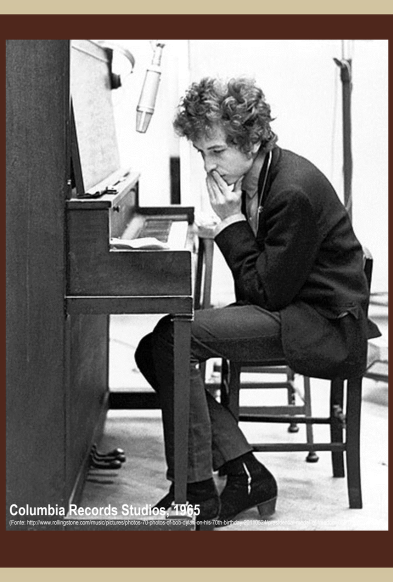
Em 1959, cinco anos depois da celebração do seu "bar mitzvah"[7], ingressa na Universidade de Minnesota. O percurso académico é de curta duração, mas profícuo em matéria de história musical. É nesta fase que se interessa "pelas origens do *rock and roll* [e começa] a ouvir intérpretes e criadores como Woody Guthrie"[8], renomado compositor americano de *folk*, cujo extenso e eclético repertório inclui temas políticos, canções tradicionais e infantis. Em 1961, o músico transfere-se para Nova Iorque e começa a tocar em clubes e cafés na zona de Greenwich Village, local propício para o despontar de novos talentos artísticos. Aqui conhece o produtor John Hammond com quem assina contrato para o seu álbum de estreia – *Bob Dylan*[9] – um retumbante sucesso lançado no ano seguinte. Em 1963, *The freewheelin' Bob' Dylan* – segundo trabalho do cantautor - produz dois temas em particular – *Blowin' in the wind* e *A hard rain's a-gonna fall* – que se convertem em hinos dos movimentos pacifistas a favor dos direitos civis nos EUA[10].



Bob Dylan atua no Singers Club, Londres, 1962

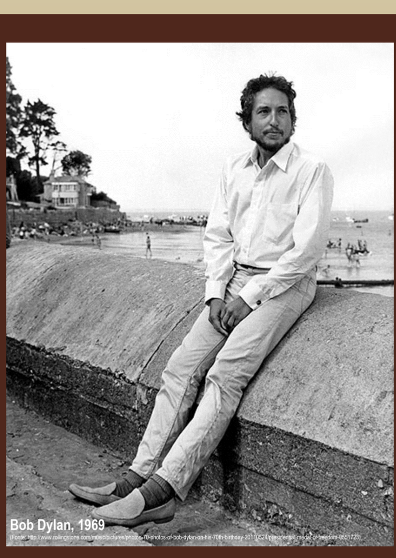
Bob Dylan e Joan Baez (1963)

Dylan, 1963

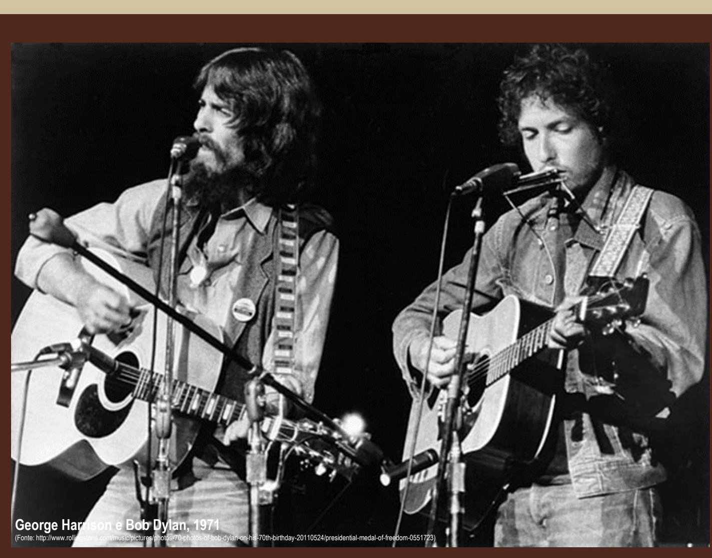


Columbia Records Studios, 1965

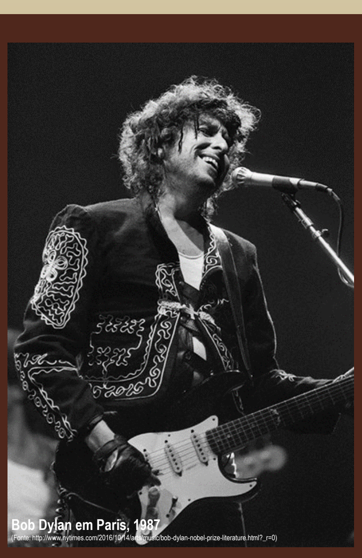
1965 Tempo de *Bring it all back home* – quinto trabalho discográfico do compositor – e de *Highway 61 revisited*, amplamente considerado um marco no percurso de Dylan pela forma como combina a sonoridade do *blues* com a linguagem poética e pelo retrato da desordem política e cultural dos EUA[11]. A valoração da mensagem literária, sem prejuízo do conteúdo musical da obra, será um elemento diferenciador na trajetória de Bob Dylan, capaz de transformar canções em crónicas de humanismo, de consciencialização cívica e social e de alerta para as políticas segregacionistas vigentes, entre outras matérias de denúncia do país real. Inovador e pioneiro, Dylan arrisca-se quando, nesse ano, no *Newport Folk Festival* introduz a guitarra elétrica na tradicional canção americana[12]. O público reage em choque, mas adiante celebrará a mudança. Em 1966 é apresentado o álbum *Blonde on blonde*, considerado pela Academia Sueca como "um exemplo extraordinário da sua forma brilhante de rimar e do seu pensamento pictórico"[13] e nas décadas seguintes – igualmente profícuas em atividade - saem trabalhos como *Blood on the tracks* (1975), *Oh Mercy* (1989), *Time out of mind* (1997) e *Modern times* (2006)[14]. Pelo meio Dylan lança *Tarântola* – obra "onde reflete as preocupações características da sua música na forma de prosa e de poesia"[15] – edita dois livros com letras de canções e publica o primeiro volume da sua autobiografia – *Crónicas*[16] – que aguarda prossecução. Desde 1988 em digressão na sua *Never Ending Tour*, Bob Dylan continua a arrastar uma legião de fãs e a arrecadar inúmeras distinções. O seu nome consta há muito no *Rock and Roll Hall of Fame*, coleciona diversos prémios musicais e um Óscar da Academia, é distinguido em 2007 com o prémio Príncipe das Astúrias – pela sua contribuição para a cultura – e, um ano depois, recebe um Pulitzer especial "(…) pelas suas composições líricas de extraordinário poder poético"[17]. Em 2012, Barack Obama atribui-lhe a Medalha Presidencial da Liberdade, e no ano em que faz 75 de idade e edita o seu 37.º álbum - *Fallen angels* –, conquista a distinção maior das Letras – o Nobel da Literatura. "*The times they are a-changin*"[18].



Bob Dylan, 1969



George Harrison e Bob Dylan, 1971



Bob Dylan em Paris, 1987

Bob Dylan, Madonna e Chris Rock, 1999

Bob Dylan recebe a Medalha Presidencial da Liberdade, 2012

Fontes bibliográficas:

[1] Frase de sustentação escolhida pela Academia Sueca para fundamentar a atribuição do Prémio Nobel da Literatura 2016 a Bob Dylan. Disponível na Internet:< http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2016/press.html>

[2] LOPES, Mário – E agora, para algo completamente diferente: Bob Dylan é Nobel da Literatura. **Público** [Em linha]. (2016). [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/nobel-da-literatura-para-bob-dylan-1747239)

[3] BENTO, Helena – Os tempos estão a mudar: Nobel da Literatura para Bob Dylan. **Expresso** [Em linha] (2016). [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-10-13-Os-tempos-estao-a-mudar-Nobel-da-Literatura-para-Bob-Dylan>

[4] SOUNES, Howard – Down the highway: the life of Bob Dylan. **New York Times** [Em linha]. [Consult. 17 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.nytimes.com/books/first/s/sounes-01highway.html>

[5] MEISEL, Perry – Plugged: a new biography of Bob Dylan emphasizes his rock 'n'roll roots. **New York Times** [Em linha]. (2001). [Consult. 17 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.nytimes.com/books/01/06/10/reviews/010610.10meiselt.html>

[6] ROSA, Luís Valente – O escritor Bob Dylan. **Visão** [Em linha]. (2016). [Consult. 17 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://visao.sapo.pt/opiniao/pelo-principio/2016-10-16-O-escritor-Bob-Dylan>

[7] SOUNES, Howard – Down the highway: the life of Bob Dylan. **New York Times** [Em linha]. [Consult. 17 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.nytimes.com/books/first/s/sounes-01highway.html>

[8] BENTO, Helena – Os tempos estão a mudar: Nobel da Literatura para Bob Dylan. **Expresso** [Em linha] (2016). [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-10-13-Os-tempos-estao-a-mudar-Nobel-da-Literatura-para-Bob-Dylan>

[9] THE SWEDISH ACADEMY – **Bibliographical notes** [Em linha]. (2016). [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/10/nobel-de-literatura-bob-dylan-tambem-tem-oscar-pulitzer-grammy-e-mais.html>

[10] Bob Dylan in **Artigos de apoio Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:<https://www.infopedia.pt/$bob-dylan>

[11] Informação sobre o álbum de Dylan disponível na Internet:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Highway_61_Revisited>

[12] SAUNDERS, Tristram Fane; FURNESS, Hannah – Bob Dylan wins 2016 Nobel Prize in Literature for his songwriting. **The Telegraph** [Em linha]. (2016). [Consult. 13 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.telegraph.co.uk/music/news/breaking-bob-dylan-wins-2016-nobel-prize-in-literature/>

[13] Nobel da Literatura vai para Bob Dylan. **TSF** [Em linha]. (2016). [Consult. 17 out. 2016]. Disponível em:< http://www.tsf.pt/cultura/interior/nobel-da-literatura-5439384.html>

[14] THE SWEDISH ACADEMY – **Bibliographical notes** [Em linha]. (2016). [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/10/nobel-de-literatura-bob-dylan-tambem-tem-oscar-pulitzer-grammy-e-mais.html>

[15] Bob Dylan in **Artigos de apoio Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [Consult. 14 out. 2016]. Disponível na Internet:<https://www.infopedia.pt/$bob-dylan>

[16] *Idem, ibidem*

[17] Nobel da Literatura, Bob Dylan também tem Óscar, Pulitzer, Grammy e mais. **G1** [Em linha]. (2016). [Consult. 17 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/10/nobel-de-literatura-bob-dylan-tambem-tem-oscar-pulitzer-grammy-e-mais.html>

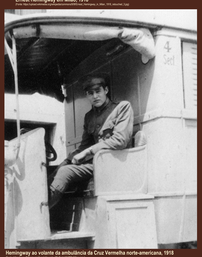
[18] COELHO, Sara Otto – How does it feel? Bob Dylan é o vencedor do Prémio Nobel da Literatura. **Observador** [Em linha]. (2016). [Consult. 13 out. 2016]. Disponível na Internet:< http://observador.pt/2016/10/13/bob-dylan-e-o-vencedor-do-premio-nobel-da-literatura/>

Biblioteca Municipal Ponte de Lima

Ernest Hemingway

Nobel da Literatura 1954

Ernest Hemingway em Milão, 1918


Hemingway ao volante da ambulância da Cruz Vermelha norte-americana, 1918

Casamento de Ernest Hemingway com Elizabeth Hadley Richardson, 1921

Ernest Hemingway e Pauline Pfeiffer, segunda mulher do escritor

Hemingway, Martha Gellhorn – terceira mulher de Ernest - e a esposa de Chiang Kai-shek (China)

Contrariando as ambições paternas, o impetuoso Ernest "apresenta-se voluntariamente como segundo tenente honorário para a corporação de assistência médica da Cruz Vermelha norte-americana"[8] no último ano do primeiro conflito bélico à escala mundial. Trabalha como condutor de ambulâncias em Itália, na frente de batalha, mas acaba gravemente ferido pelo rebentamento de um projétil austríaco. Os três meses de internamento hospitalar, as 12 cirurgias a que é submetido e a paixão não correspondida pela enfermeira de serviço[9] serão os elementos inspiradores do livro *O adeus às armas*, lançado em 1929. Até à publicação do afamado romance, Ernest – de regresso aos Estados Unidos – retorna ao jornalismo e consegue, em 1921, um contrato como correspondente na Europa do jornal canadiano *Toronto Daily Star*[10]. Entretanto casado com Elizabeth Hadley Richardson, Ernest Hemingway chega a Paris em dezembro desse ano. Na capital francesa - por intermédio da escritora norte-americana, Gertrude Stein - contacta com "a vanguarda do modernismo europeu e americano [como] Jean Cocteau, James Joyce, F. Scott Fitzgerald e os pintores Pablo Picasso, André Masson e Joan Miró"[11]. Esses encontros entre intelectuais hedonistas – que Stein alcunha de «Geração Perdida» – e as deambulações em trabalho por países diversos deixam marcas profundas em Hemingway, que testemunha os tempos difíceis do pós-guerra. Entre as alternâncias geográficas, nasce o primeiro filho do casal, em 1923, e três anos mais tarde sai o primeiro romance do escritor - *O sol nasce sempre* – retrato das "várias estadas de Hemingway em Espanha"[12]. Em 1927, o casamento de Ernest termina. Decorridos uns meses, desposa Pauline Marie Pfeiffer, com quem o autor mantivera um relacionamento extraconjugal, e regressa aos Estados Unidos. Em Key West, Florida, permanece por uma década. Produz contos e crónicas - inspirados na vida real - viaja, lança *Noutro País* – romance em episódios - assiste ao nascimento de mais dois filhos e recebe a perturbadora notícia do suicídio prematuro do pai.

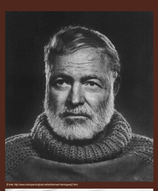
Hemingway e os filhos Patrick e Gregory, 1942

Ernest Hemingway e Gary Cooper com as respetivas esposas, década de 50

Ernest e Mary Hemingway, a quarta e última mulher do escritor

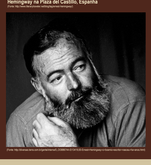
Ernest e Mary Hemingway em Italia, 1948

Hemingway e Lauren Bacall, em Espanha, 1959



Ernest com amigos em Veneza

Hemingway na Plaza del Castillo, Espanha



1937 Depois do romance *As verdes colinas de África* – sustentado nas suas experiências de caça naquele continente – Hemingway parte para Espanha, assolada pela Guerra Civil, como correspondente da North American Newspaper Alliance (NANA). A cobertura do sangrento conflito, cuja fação republicana recolhe o apoio de Hemingway, resulta em reportagens impressionantes e serve de mote para a sua epopeia bélica – *Por quem os sinos dobram* – editada em 1940. O romance arrebata, vende meio milhão de exemplares em 12 meses, é transposto para o cinema e protagonizado por Gary Cooper e cimenta em definitivo o nome de Hemingway como um dos autores mais populares de sempre[13]. O livro é dedicado a Martha Gellhorn, destemida fotojornalista por quem o escritor se enamora em Espanha e com quem se casa no ano de lançamento da obra. A Segunda Guerra Mundial leva o intrépido casal de volta à Europa. Ao serviço do extinto jornal nova-iorquino *PM*, e, mais tarde, como correspondente da Collier's, Hemingway percorre vários teatros de operações - mormente o Pacífico - consegue uma entrevista exclusiva com o líder chinês, Chiang Kai-shek, e cobre o desembarque na Normandia, em 1944[14]. Retorna a casa depois de sete anos de jornalismo de guerra, divorcia-se de Martha Gellhorn em 1945, e, no ano seguinte, desposa Mary Welsh. O casal fica a residir em Finca Vigia, Cuba, numa propriedade adquirida por Hemingway ainda no tempo de Gellhorn. Em 1950, publica o romance *Na outra margem, entre as árvores* e, em 1952, lança o retumbante sucesso *O velho e o mar*. No mesmo ano recebe o Prémio Pulitzer e, em 1954, é justamente galardoado com o Nobel da Literatura, honraria que coincide com a fase de declínio do escritor. O alcoolismo desenfreado, e demais excessos, e os diversos acidentes graves de que é vítima, aceleram o envelhecimento de Hemingway e agravam os problemas de saúde do autor[15]. Desinspirado, com o talento a esmorecer, ainda consegue produzir *O verão perigoso* – título de 1960 publicado por partes na *Life* – mas as insónias, as crises de ansiedade e as perdas de consciência conduzem a sucessivos internamentos e a sessões de eletrochoques[16]. Depois de duas tentativas frustradas de suicídio, morre a 2 de julho de 1961 com um tiro de espingarda, a mesma que usava para caçar pombos. Três dias depois, o "Papa" Hemingway, a pouco tempo de completar 62 anos, é sepultado em Ketchum, Idaho, para onde se mudara recentemente. Com edição póstuma, saem *Paris é uma festa* (1964), *Ilhas na corrente* (1970), *O jardim do Éden* (1986) e *Verdade ao amanhecer* (1999), entre outras obras ainda hoje sobejamente apreciadas.

Fontes bibliográficas:
[8] RODENBERG, Hans-Peter – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Expresso, 2011. p. 26
[9] *Idem, ibidem*, p. 29
[10] MAGNO, Ana Beatriz – **O jornalismo nos tempos da reportagem: uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway e Gabriel Garcia Marquez** [Em linha]. Brasília: Universidade, 2014. [Consult. 22 set. 2016]. Disponível na Internet:< repositorio.unb.br/bitstream/10482/17279/1/2014_AnaBeatrizMagno.pdf>
[11] RODENBERG, Hans-Peter – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Expresso, 2011. p. 41
[12] *Idem, ibidem*, p. 55
[13] *Idem, ibidem*, p. 87
[14] MAGNO, Ana Beatriz – **O jornalismo nos tempos da reportagem: uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway e Gabriel Garcia Marquez** [Em linha]. Brasília: Universidade, 2014. [Consult. 22 set. 2016]. Disponível na Internet:< repositorio.unb.br/bitstream/10482/17279/1/2014_AnaBeatrizMagno.pdf>
[15] Hemingway sofria de hemocromatose, diabetes, hipertensão e perturbação bipolar.
[16] RODENBERG, Hans-Peter – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Expresso, 2011. pp. 133-134

AMIGOS PONTE DE LIMA
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

Ernest Hemingway

Nobel da Literatura 1954

"(…) pela mestria [vigorosa] na arte de narrar, recentemente demonstrada [na obra] «O velho e o mar», e pela influência que exerceu sobre o estilo contemporâneo".[1]

1899 Personalidade icónica da literatura universal, mestre da palavra em estado puro, figura emblemática do seu tempo e símbolo de exaltação da vida que absorveu intensamente, Ernest Miller Hemingway nasce a 21 de julho, em Oak Park, estado de Illinois, no seio de uma família "pertencente ao grupo dos notáveis da região"[2]. O pai, Clarence Edmonds Hemingway – médico de profissão, imponente de estatura e socialmente reverenciado – e a mãe, Grace Hall Hemingway – "cantora de certo talento"[3] com uma carreira restringida a aulas de música por razões de saúde, mas interventiva e admirada na comunidade – desempenham um papel fundamental na construção da personalidade ambivalente de Ernest, que desde cedo se debate com o estado de depressão constante do progenitor e com a ação castradora e dominante pelo lado materno. No entanto, as vicissitudes de uma educação severa e profusamente religiosa, a par das "tensões edipianas"[4], não impedem Ernest de se destacar na escola, quer no plano curricular, quer na esfera social. Apesar de popular entre os colegas, de algumas aventuras e de uma juventude sem complicações de maior, Ernest sente-se "retraído em relação às raparigas"[5] e vai ao baile de finalistas que encerra o ensino secundário, por insistência da mãe, na companhia de uma das irmãs - comportamento que contrastará com o rodopio de ligações sentimentais de anos vindouros.

Os pais de Hemingway
Fonte: http://studyhemingway.com/wp-content/uploads/2010/10/DSC00001-300_copy.jpg

O bebé Hemingway
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Pai de Ernest Hemingway com o filho ao colo
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Ernest com 18 meses
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Ernest na sua casa de infância em Oak Park, 1903
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

A família Hemingway. Ernest é o primeiro à direita
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Ernest no Michigan, 1903
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

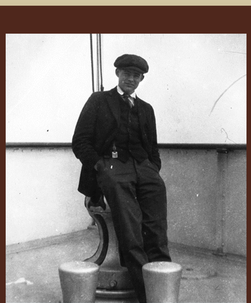
Ernest a pescar na região de Walloon Lake, 1904
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

1917 Depois da embrionária experiência como redator e editor na *Tábua* e no *Trapézio* - respetivamente a revista literária e o jornal da Oak Park Highschool[6] - Ernest consegue uma vaga no *Kansas City Star* - o maior periódico da região - onde aprende a escrever segundo a cartilha do jornalismo ocidental. As regras de discurso que absorve nos sete meses de colaboração – o emprego de frases curtas, a linguagem clara, precisa e correta, o recurso a textos informativos e afirmativos e a restrição do uso de adjetivos – marcarão o estilo de Hemingway nas produções literárias futuras caracterizadas "pela narrativa simples e por uma incrível facilidade em [conceber] diálogos absolutamente naturais"[7]. Uma forma muito própria de escrita que se desenvolve em cenário de guerra.

A família Hemingway, 1907 (Ernest surge na terceira posição à esquerda)
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Os Hemingway em Oak Park, 1917 (Ernest surge ao centro da imagem)
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

O jovem Ernest
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm


Ernest numa viagem de barco rumo ao Michigan
Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Fonte: http://www.biblioteca.com.br/biblioteca/ingleses/hemingwayernest/hemingwayernest1.htm

Fontes bibliográficas:

[1] Frase que sustenta a atribuição do Nobel da Literatura a Ernest Hemingway em 1954. Disponível na Internet:< http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1954/hemingway-facts.html>

[2] RODENBERG, Hans-Peter – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Expresso, 2011, p. 13

[3] SANDERSON, Stewart – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Presença, 1963, p. 24

[4] RODENBERG, Hans-Peter – **Ernest Hemingway**. Lisboa: Expresso, 2011, p. 21

[5] *Idem, ibidem*, p. 24

[6] CANZIAN, Fernando – Livro reúne textos colegiais de Hemingway. **Folha de S. Paulo Ilustrada** [Em linha]. (1994). [Consult. 22 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/07/ilustrada/13.html>

[7] Citação extraída do prefácio de Miguel Sousa Tavares à obra Ernest Hemingway, de Hans-Peter Rodenberg.

Biblioteca Municipal Ponte de Lima

Nadine Gordimer

Nobel da Literatura 1991

"(…) pela magnífica escrita épica que – recorrendo às palavras deixadas por Alfred Nobel – tem sido de grande benefício para a humanidade".[1]

1923 Feroz oponente do regime segregacionista do Apartheid, paladina da liberdade e legitimadora do multiculturalismo, Nadine Gordimer – a sétima mulher galardoada com o Nobel da Literatura – nasce na pequena cidade mineira de Springs, nos arredores de Joanesburgo, a 20 de novembro. Oriunda de uma família judaica de proveniência distinta – o pai, Isidore Gordimer, imigrante letão, foge de Riga com 13 anos para escapar a manifestações antissemitas, enquanto a mãe, Hannah Myers, de ascendência inglesa, vem para a África do Sul com seis[2] – a pequena Nadine cresce num ambiente secular, isento de pressões religiosas, e chega a frequentar uma escola católica feminina, que abandona prematuramente por razões de saúde, passando a ser educada em casa por um tutor particular. Inevitavelmente isolada do frenesim estudantil, dedica grande parte do seu tempo à leitura e à escrita[3], vocação que evidencia em idade precoce. Aos 13 vê uma história sua publicada na secção infantil do semanário *Sunday Express* e, aos 15, o seu primeiro conto para adultos é editado no *Forum*, uma revista liberal sul-africana[4]. Ingressa na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, onde apenas permanece um ano. No entanto, a experiência académica permite-lhe contactar com a vida boémia e vibrante do bairro multirracial de Sophiatown e estabelecer relações de amizade com influentes escritores e intelectuais negros, de que se destacam Es'kia Mphahlele, Nat Nakasa e Lewis Nkosi[5]. Um período que se afigurará decisivo para o seu envolvimento literário com o destino do país e do povo africano.

1948 Apesar de não concluir o ensino superior, Nadine fixa-se permanentemente em Joanesburgo. Um ano depois, lança o seu livro de estreia – *Face to face* (*Cara a cara*) – volume de contos que versa sobre "a segregação racial na África do Sul"[6] e que precederá uma outra compilação de pequenas histórias na mesma linha temática – *The soft voice of the serpent (A suave voz da serpente)* – apresentada em 1952. No entremeio, casa com o dentista Gerald Gavronsky com quem tem uma filha, Oriane. O enlace dura apenas três anos. 1953 é tempo do seu primeiro romance – *The lying days* (*Dias de mentira*) – narrativa de inspiração autobiográfica centrada no descontentamento de Helen, uma jovem que cresce num meio particularmente preconceituoso e intolerante, que determinará a consciencialização social e cívica da personagem alicerçada em princípios de tolerância e de respeito[7]. No ano seguinte, Nadine volta a casar. Reinhold Cassirer – um negociante de arte fugido da Alemanha nazi – será o companheiro da escritora até 2001, ano de falecimento do marido, vítima de doença prolongada. Em 1955 nasce o segundo filho de Nadine – Hugo – e, em 1958, sai *A world of strangers* (*Um mundo de estranhos*) - novo romance da autora que reúne a hostilidade da crítica e a censura total do Governo. Pelo contrário, a comunidade literária internacional começa a interessar-se pela obra de Nadine Gordimer que, em 1961, recebe o *W. H. Smith Commonwealth Literary Award*, a primeira de muitas honrarias conquistadas além-fronteiras. O intensificar das medidas repressivas contra a população negra desencadeia novos massacres e atrocidades. Militante do clandestino Congresso Nacional Africano (ANC), Nadine colabora "na redação do discurso de defesa"[8] que Nelson Mandela apresenta em tribunal, em 1962, e participa regularmente em manifestações contra o regime segregacionista do Apartheid. A par do ativismo político, a escritora vai escrevendo e publicando outros títulos sem receio de repressões. *The late bourgeois world* (*O fim dos anos burgueses*) – livro entretanto proibido pelo Governo sul-africano - é exemplo desse destemor.

1970 Sai *A guest of honour* (*Um convidado de honra*) - título galardoado com o *James Tait Black Memorial Prize*, da Universidade de Edimburgo – e, quatro anos mais tarde, surge *The conservationist* (*O conservador*) – obra-prima da escritora sul-africana que arrebata a crítica internacional e arrecada o *Booker Prize* – a mais prestigiada honraria literária do Reino Unido[9]. Nadine Gordimer vai dando palestras em universidades norte-americanas, mas rejeita fixar residência num outro país apesar da tensão crescente na sua terra de origem. Prova da intrepidez da autora é o lançamento de *Burger's daughter* (*A filha de Burger*) – romance de 1979 que explora a dualidade de sentimentos "de uma mulher branca sobre o Apartheid quando o pai, comunista, é encarcerado por oposição ao sistema"[10]. O título é censurado, o mesmo sucedendo com *July's people* (*A gente de July*) – obra de 1981, que ao descrever um cenário imaginário de "sul-africanos brancos perseguidos e assassinados por revoltosos negros"[11], consegue ser retirada do ensino já depois da queda do regime.

1990 A década de 90 representa uma mudança efetiva nos destinos da África do Sul. O Governo em funções legitima o ANC e enceta negociações com vista à passagem progressiva para uma democracia multirracial. Nelson Mandela é libertado a 11 de fevereiro e, no ano seguinte, Nadine Gordimer é distinguida com o Nobel da Literatura pelo conjunto de uma obra de enorme valia para a humanidade. O período pós-Apartheid não faz abrandar a atividade literária da escritora sul-africana, que explora na escrita "as dificuldades de uma sociedade em transição de um passado trágico para um futuro incerto"[12]. Saem *The house gun* (A arma da casa) – livro de 1998 dedicado ao crescendo de violência no recém-libertado país - e *Get a life* (*Faz-te à vida*) – título de 2005 que apresenta uma viragem temática para crimes de natureza ambiental e que, a par de outras bandeiras sociais e políticas, caso das campanhas de luta contra a Sida, vai diversificando o campo de atuação da escritora. Depois de um interregno de sete anos, Nadine lança em 2012 o derradeiro romance – *No time like the present* (*O melhor tempo é o presente*) - "que olha sem concessões para a experiência democrática da África do Sul pós-Apartheid"[13]. A 13 de julho de 2014, Nadine Gordimer falece na sua casa de Parktown West, em Joanesburgo, com 90 anos. O mundo recordá-la-á como uma das maiores representantes do compromisso entre a literatura e a intervenção cívica, como a voz literária anti-Apartheid[14] que nunca desistiu do seu país e do seu povo.

Fontes bibliográficas:

[1] Frase de sustentação do Nobel da Literatura de 1991 disponível na Internet: < https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1991/gordimer-facts.html>

[2] SHAW, Mitfyn; PIMSTONE, Miriam – Nadine Gordimer, 1923-2014. **Jewish women: a comprehensive historical encyclopedia** [Em linha]. [2009]. [Consult. 07 out. 2016]. Disponível na Internet: < http://jwa.org/encyclopedia/article/gordimer-nadine>

[3] Idem, ibidem

[4] Idem, ibidem

[5] WALDER, Dennis – Nadine Gordimer obituary. **The Guardian** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < https://www.theguardian.com/books/2014/jul/14/nadine-gordimer>

[6] **Nadine Gordimer: prémio Nobel da Literatura 1991** [Em linha]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < https://www.wook.pt/autor/nadine-gordimer/4795>

[7] Warrior of the imagination. **Academy of Achievement** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < http://www.achievement.org/autodoc/page/gor1bio-1>

[8] QUEIRÓS, Luís Miguel – Morreu a escritora Nadine Gordimer, Nobel da Literatura em 1991. **Público** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-a-escritora-nadine-gordimer-nobel-da-literatura-em-1991-1662823>

[9] Warrior of the imagination. **Academy of Achievement** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < http://www.achievement.org/autodoc/page/gor1bio-1>

[10] BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMERÍA Y FRANCISCO VILLAESPESA – **Nadine Gordimer: guía de lectura** [Em linha]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < http://www.juntadeandalucia.es/cultura/opencms/export/download/bibalmeria/NADINE_GORDIMER.pdf>

[11] QUEIRÓS, Luís Miguel – Morreu a escritora Nadine Gordimer, Nobel da Literatura em 1991. **Público** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-a-escritora-nadine-gordimer-nobel-da-literatura-em-1991-1662823>

[12] Warrior of the imagination. **Academy of Achievement** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < http://www.achievement.org/autodoc/page/gor1bio-1>

[13] QUEIRÓS, Luís Miguel – Morreu a escritora Nadine Gordimer, Nobel da Literatura em 1991. **Público** [Em linha]. [2014]. [Consult. 06 out. 2016]. Disponível na Internet: < https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-a-escritora-nadine-gordimer-nobel-da-literatura-em-1991-1662823>

[14] APARÍCIO MAYDEU, Javier – Fallece la Nobel Nadine Gordimer, voz literária contra el "apartheid". **El País** [Em linha]. [2014]. [Consult. 07 set. 2016]. Disponível na Internet: < http://cultura.elpais.com/cultura/2014/07/14/actualidad/1405343628_541397.html>

Município Ponte de Lima
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

Pearl Buck

Nobel da Literatura
1938

"(…) pelas descrições ricas e verdadeiramente épicas da vida dos camponeses na China e pelas primorosas obras biográficas".[1]

1892 Primeira escritora norte-americana agraciada com o Prémio Nobel da Literatura - e a quarta mulher a arrecadar o maior galardão das Letras[2] - Pearl Buck deixa um legado que transpõe as palavras escritas e atravessa o campo da intervenção social e da ação humanista. Nascida a 26 de junho em Hillsboro, no estado norte-americano da Virgínia Ocidental, Pearl Comfort Sydenstricker – a quarta de um total de sete filhos de um casal de missionários presbiterianos – tem apenas três meses quando parte com a família para Zhenjiang, uma pequena cidade da província chinesa de Jiangsu[3]. Apesar de se deparar com um país em rebelião, divisionista, incapaz de sanar o descontentamento interno e demasiado fragilizado para travar a crescente ingerência das potências europeias, os primeiros tempos da infância de Pearl decorrem com aparente normalidade, não obstante a ausência do pai em ações de evangelização no interior rural da China. Pearl vai sendo ensinada em casa, ora pela mãe, ora por um professor particular chinês, com quem aprende o idioma nativo. No entanto, a revolta dos Boxers – movimento de pendor xenófobo que em 1900 se insurge contra a presença e o domínio estrangeiro na China – obriga à transferência da família para Xangai, onde permanece um ano. Dirimidas as hostilidades, Pearl vai transitando entre os Estados Unidos e a China. De 1907 a 1909 frequenta um colégio interno em Xangai e, no ano seguinte, ingressa no *Randolph-Macon Woman's College, na* Virgínia, onde estuda Psicologia e começa a dar aulas[4]. No entanto, a enfermidade da mãe fá-la retornar ao Oriente.

1917 Pearl casa com John Lossing Buck, um agrónomo americano formado na Universidade de Cornell[5]. Na sequência de pesquisas de campo desenvolvidas pelo marido em áreas rurais do país - em que atua como intérprete linguística e mediadora cultural - Pearl consolida os seus conhecimentos acerca da população autóctone e recolhe material informativo que sustentará vários dos seus romances sobre a China. Em 1920, trabalham ambos na prestigiada Universidade de Nanquim, onde Pearl dá aulas de Inglês e de Literatura Americana[6]. Na mesma altura, nasce a primeira e única filha biológica do casal – Carol – que sofre de fenilcetonuria, uma patologia genética rara que afeta o sistema nervoso central[7]. Segue-se uma torrente de acontecimentos que marcará o percurso pessoal e profissional de Pearl, de que se destacam a morte da mãe, a adoção de uma menina – Janice[8] – e o Incidente de Nanquim[9] – episódio sangrento que resulta no assassinato de diversos cidadãos estrangeiros pelas mãos de partidários nacionalistas de Chiang Kai-shek, mas que não impede o regresso de Pearl à China depois de uma temporada no Japão.

A família de Pearl Buck · Pearl Buck com a filha Carol · A quinta de Pearl Buck, em Green Hills, no estado da Pensilvânia · Rei Gustavo V da Suécia entrega o Nobel da Literatura a Pearl Buck · Pearl Buck com John F. Kennedy · Pearl Buck por Freeman Elliot · Pearl Buck em criança · Pearl Buck com Eleanor Roosevelt · A autora fundou a primeira agência de adoção inter-racial do mundo

1930 Com alguns artigos publicados em revistas norte-americanas, Pearl lança o primeiro romance *Vento do Oriente, vento do Ocidente*, mas é *A boa terra* – retrato da China numa época de intensas mudanças políticas – que catapulta a autora para a notoriedade corre o ano de 1931. O livro ascende a best-seller, arrecada o afamado Prémio Pulitzer e a importante Medalha William Dean Howells da Academia Americana de Artes e Letras e vê-se transposto para o cinema numa grandiosa produção da MGM[10]. Em 1938 – reside a autora há quatro anos nos Estados Unidos - chega a maior honraria literária – o Prémio Nobel da Literatura, galardão atribuído a uma escritora com uma curta carreira de oito anos, facto que terá surpreendido alguns dos seus pares. Entretanto casada com Richard Walsh, editor das suas obras, Pearl vai conciliando a produção literária com ações de cariz social, humanitário e politico. Através do seu melhor recurso – as palavras – critica a atuação missionária no Oriente e contesta alguns dogmas cristãos, insurge-se contra a supremacia branca em relação aos povos de cor, bate-se pela defesa da liberdade e da igualdade de todos os cidadãos, procura salvaguardar os direitos dos mais desfavorecidos, entre eles as crianças, e intervém ativamente em prol da revogação das leis discriminatórias contra a entrada de chineses nos Estados Unidos da América, difícil empresa que conta com a preciosa colaboração de Eleanor Roosevelt[11]. Uma luta incessante por uma sociedade mais justa e solidária de que resultam a criação da *East and West Association (1941)*[12] - para promoção de relações interculturais -, o estabelecimento da *Welcome House (1949)*[13] – primeira agência inter-racial do mundo vocacionada para a adoção de crianças mestiças - e a inauguração da Fundação Pearl Buck (1964)[14] – gerida, após a morte de Richard Walsh, por Ted Harris, terceiro companheiro da autora. De permeio, Pearl Buck vai aumentando o seu legado literário, deixando uma bibliografia de mais de 100 títulos, de que se extraem romances notáveis como *A mãe*, *O exílio* e *O patriota*. Com edição póstuma sai *A eterna demanda*, obra inédita concluída pouco antes da morte da autora[15]. Pearl Buck falece a 6 de março de 1973, com 80 anos, em Danby, no estado de Vermont. Mais do que o Nobel, fica para a posteridade a imagem de uma mulher justa, filantropa, resiliente e destemida.

Fontes bibliográficas:

1 Frase que sustenta a escolha de Pearl Buck para Prémio Nobel da Literatura em 1938. Disponível na Internet:< http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1938/buck-facts.html>
2 **Pearl S. Buck: biography** [Em linha]. (2014) [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.biography.com/people/pearl-s-buck-9230389#related-video-gallery>
3 Franco, Paulo Fernando Mascarenhas – **Pearl S. Buck: uma ponte entre os Estados Unidos e a China** [Em linha]. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. Tese de Mestrado. [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/534/1/LC289.pdf>
4 **Pearl S. Buck: biography** [Em linha]. (2014) [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.biography.com/people/pearl-s-buck-9230389#related-video-gallery>
5 Franco, Paulo Fernando Mascarenhas – **Pearl S. Buck: uma ponte entre os Estados Unidos e a China** [Em linha]. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. Tese de Mestrado. [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/534/1/LC289.pdf>
6 *Idem, ibidem*
7 **Pearl S. Buck: 1892-1973** [Em linha]. [Consult. 20 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://pages.uoregon.edu/adoption/people/buck.html>
8 A esta adoção seguiram-se várias outras.
9 FERRER, Sandra **– La escritora de lo humano: Pearl Buck (1892-1973)** [Em linha]. (2015). [Consult. 20 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.mujeresenlahistoria.com/2015/02/la-escritora-de-lo-humano-pearl-s-buck.html>
10 **Brief biography of Pearl S. Buck** [Em linha]. [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.english.upenn.edu/Projects/Buck/biography.html>
11 Franco, Paulo Fernando Mascarenhas – **Pearl S. Buck: uma ponte entre os Estados Unidos e a China** [Em linha]. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. Tese de Mestrado. [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/534/1/LC289.pdf>
12 **Welcome House adoption guide 2012** [Em linha]. [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.psbi.org/doent.doc?id=74 >
13 *Idem, ibidem*
14 *Idem, ibidem*
15 Uma Pearl Buck póstuma para ler em outubro. **Público** [Em linha]. (2013). [Consult. 19 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.publico.pt/flash/jornal/uma-pearl-buck-postuma-para-ler-em-outubro-26585899>

Município Ponte de Lima · Terra Rica da Humanidade
Biblioteca Municipal Ponte de Lima

Alexandre Soljenitsin

Nobel da Literatura 1970

"(…) pela força ética com que [defendeu] e perseguiu as indispensáveis tradições da literatura russa".[1]

1918 Prolífico novelista e intrépido ensaísta, o homem que em nome da verdade ousou denunciar as atrocidades do impiedoso regime soviético liderado por Estaline, nasce a 11 de dezembro na cidade termal de Kislovodsk, na região do Cáucaso, sudoeste da Rússia. Uma época de tímida convalescença que decorre do desfecho do primeiro conflito bélico à escala mundial e da consolidação do bolchevismo após o assassinato do czar Nicolau II e da restante família em Ecaterimburgo. Órfão de pai - um oficial de artilharia do exército imperial russo morto num infeliz acidente de caça durante a gravidez da mulher - Soljenitsin cresce sob o afeto e a proteção da mãe, datilógrafa de profissão. Aluno de exceção em diversas matérias, revela especial apetência para a escrita. Aos 10 anos lê a obra monumental de Tolstoi – *Guerra e Paz* – e por influência de uma tia, que regularmente visita, desenvolve um crescente sentimento de patriotismo e de religiosidade[2]. Apesar de vários parentes seus serem declarados dissidentes do partido e deportados para a Sibéria, Soljenitsin rende-se ao marxismo-leninismo[3]. Ingressa na Universidade de Rostov, não em Literatura como seria previsível, mas em Matemática e Física. Durante o período académico edita um jornal de considerável sucesso – *Komsomol*[4] – e obtém uma bolsa de estudo atribuída por Estaline pelo seu empenho na Liga da Juventude Comunista. Nesta fase conhece a futura mulher, Natalia Reshetovskaya, com quem apenas passa uma hora por dia por força de intensos compromissos partidários[5]. Paralelamente à licenciatura de pendor científico, estuda Literatura por correspondência no Instituto de História, Filosofia e Literatura de Moscovo.

Kislovodsk, Rússia, cidade natal de Soljenitsin

Casa da tia de Soljenitsin, Maria Gorina, convertida em museu em 2015

1941 Casado há dois anos com Natalia Reshetovskaya, e a dar aulas em Morozovsk, Soljenitsin alista-se voluntariamente no Exército Vermelho na sequência da invasão da Rússia pelas tropas do Terceiro Reich. Na qualidade de segundo-tenente e, mais tarde, como capitão de artilharia, combate arduamente em vários teatros de guerra, de que se destacam a Ucrânia, a Bielorrússia e a Polónia. A prestação rende-lhe duas condecorações, mas também uma surpreendente ordem de detenção. As cartas enviadas por Soljenitsin a um amigo com acesas críticas à autocracia de Estaline e à sua duvidosa competência bélica – correspondência intercetada pelo Serviço de Contraespionagem Soviético – sustentam a decisão e determinam a sentença arbitrária de oito anos de prisão em campos de concentração e de três de exílio administrativo por propaganda antirregime[6]. Inicia-se um período de sucessivas transições entre gulags que culminam no Cazaquistão. Aqui exerce as profissões de pedreiro e de fundidor suportando, como tantos outros, as mais inumanas condições e agruras[7]. Ainda assim consegue escrever em pedaços de papel que vai destruindo à medida que memoriza a ideia escrita. Mas o perigo da palavra confiscada impõe maior prudência e Soljenitsin pede a presos católicos lituanos um rosário feito de massa de pão - com um número de contas extra - para disfarçadamente "aprender de cor capítulos inteiros"[8]. A sua experiência de cárcere, marcada por exigentes trabalhos braçais, por colaborações forçadas em institutos de pesquisa patrocinados pelo governo, por uma separação matrimonial e por um tumor removido num hospital prisional, dará origem a três notáveis romances.

Soljenitsin foi um dos presos políticos dos gulags soviéticos

1953 A morte de Estaline e a política de abertura do sucessor, Nikita Khrushchev, permitem a libertação de Soljenitsin três anos depois de um exílio em Kok-Terek, no Cazaquistão, onde lhe é autorizado ensinar Matemática e Física numa escola rural. Findo esse período, em 1956, a sentença é formalmente anulada. Soljenitsin regressa a Moscovo, reconcilia-se com Natalia e parte para Riasan onde dá aulas de dia e escreve de noite[9]. Contrariamente às suas expectativas, a pungente obra *Um dia na vida de Ivan Denisovich* – primeiro relato público do quotidiano de um recluso nos gulags – é publicada na revista *Novy Mir*, em 1962, com o apoio do Kremlin[10]. Interessava a Khrushchev desacreditar Estaline e consolidar a sua posição de liderança, razão pela qual se tolera por certo tempo o escritor[11]. O livro, considerado um "milagre literário"[12], é um retumbante sucesso. Menos sorte têm os títulos seguintes – *O primeiro círculo* e *O pavilhão dos cancerosos* – ambos publicados clandestinamente e no estrangeiro por força da política de censura estabelecida por Leonid Brejnev, sucessor de Khrushchev. A situação agudiza-se na Rússia; inversamente, além-fronteiras, Soljenitsin torna-se uma celebridade e um símbolo de resistência, imagem que a atribuição do Nobel da Literatura, em 1970, vem consolidar e internacionalizar em definitivo. O lançamento de *O arquipélago gulag*, três anos mais tarde, enfurece o Kremlin, que diante da devastadora denúncia contra o sistema de campos de concentração soviéticos, decide expulsar o escritor da URSS. Soljenitsin, a mulher e os três filhos fixam-se em Vermont, nos EUA, mas a transição cultural não é fácil, pois o autor – conservador ortodoxo, asceta e defensor da cultura eslava[13] – considera o mundo ocidental espiritualmente deteriorado[14], particularmente a sociedade americana. Conservando o seu modo de vida umbilicalmente russo, Soljenitsin vai produzindo novos romances, de que se destaca *A roda vermelha.* Em 1994 - decorridas duas décadas de exílio, devolvida a cidadania e anulada a acusação de traição – retorna ao seu país que, sob o comando de Boris Ieltsin, o recebe em apoteose. Mas a pátria que o acolhe está diferente[15] e Soljenitsin tem dificuldade em abraçar a mudança. Mesmo depois da sua aproximação a Vladimir Putin – a quem reconhece qualidades políticas para restaurar a mãe Rússia[16] – o escritor sentirá, até ao fim dos seus dias, uma dessintonia com o novo Estado. Alexandre Soljenitsin falece a 3 de agosto de 2008, com 89 anos, vítima de uma insuficiência cardíaca aguda.

Alexandre Soljenitsin (1974)

Alexandre Soljenitsin (1974)

Fontes bibliográficas:

[1] Frase de sustentação do Nobel da Literatura de 1970 disponível na Internet:< http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1970/solzhenitsyn-facts.html>
[2] Alexander Solzhenitsyn. **The Telegraph** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/culture-obituaries/books-obituaries/2495104/Alexander-Solzhenitsyn.html>
[3] Idem, ibidem
[4] SCAMMEL, Michael – Russia's literary light who illuminated dark world of Soviet regime. **The Guardian** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.theguardian.com/books/2008/aug/04/nobelprize.russia2>
[5] Idem, ibidem
[6] Idem, ibidem
[7] Idem, ibidem
[8] CUTILEIRO, José - Alexandre Soljenitsin (1918-2008). **Expresso** [Em linha]. [2008]. [Consult. 30 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://expresso.sapo.pt/opiniao/opiniao_in_memoriam/alexandre-soljenitsin-1918-2008=f387067>
[9] SCAMMEL, Michael – Russia's literary light who illuminated dark world of Soviet regime. **The Guardian** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 out. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.theguardian.com/books/2008/aug/04/nobelprize.russia2>
[10] CUTILEIRO, José - Alexandre Soljenitsin (1918-2008). **Expresso** [Em linha]. [2008]. [Consult. 30 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://expresso.sapo.pt/opiniao/opiniao_in_memoriam/alexandre-soljenitsin-1918-2008=f387067>
[11] GROSSMAN, Lev – Remembering Aleksandr Solzhenitsyn. **Time** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://content.time.com/time/arts/article/0,8599,1829150,00.html>
[12] FRANCIS, Damien – Alexander Solzhenitsyn dies aged 89. **The Guardian** [Em linha]. [2008]. [Consult. 04 set. 2016]. Disponível na Internet:< https://www.theguardian.com/books/2008/aug/04/solzhenitsyn.dies>
[13] Morreu o escritor russo Alexandre Soljenitsin. **Público** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 set. 2016]. Disponível em:< https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-o-escritor-russo-alexandre-soljenitsin-1337625>
[14] GROSSMAN, Lev – Remembering Aleksandr Solzhenitsyn. **Time** [Em linha]. [2008]. [Consult. 03 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://content.time.com/time/arts/article/0,8599,1829150,00.html>
[15] Idem, ibidem
[16] BARRADAS, João Carlos – Depois de Soljenitsin. **Jornal de Negócios** [Em linha]. [2008]. [Consult. 04 set. 2016]. Disponível na Internet:< http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/detalhe/depois_de_soljenitsin.html>